

humanitas



Vol. LXIII
2011

(1996), *The great sophists in Periclean Athens* (1998), *Dictionnaire de littérature grecque ancienne et moderne* (2001), *Précis de Littérature Grecque* (2002), *L'Orestie* (2006), *Une certaine idée de la Grèce* (2006), *Grandeur de l'Homme dans la Grèce du v^eème siècle* (2010), *La crainte et l'angoisse dans le théâtre d'Eschyle* (reimpr. 2011).

No ano de 1998, Portugal contou com a sua visita e participação num seminário internacional organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian sobre o tema 'Europa e Cultura'. Em palavras que então proferiu na abertura desse encontro, Maria Helena da Rocha Pereira salientava, a propósito da ilustre convidada, partindo de uma citação de Heraclito: “Aprender muitas coisas não ensina a ser inteligente”. É essa a questão que permanentemente se depara aos educadores. Muitos são os que se têm debatido com ela nos últimos decénios. Mas talvez ninguém com a lucidez de análise e a solidez de argumentos, expostos com uma clareza exemplar, como a Professora Madame Jacqueline de Romilly, primeiro com o livro *L'enseignement en détresse* (1985), depois com *Lettre aux Parents sur les choix scolaires* (1994). Para isso contribuiu certamente o prestígio da autora, considerada em geral a mais distinta helenista francesa da actualidade”.

MARIA DE FÁTIMA SILVA

Reescrevendo os Clássicos – Hélia Correia e Jaime Rocha

A presença na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra dos escritores contemporâneos Hélia Correia e Jaime Rocha, no dia 16 Fevereiro de 2011, no âmbito dos Cursos de Mestrado e de Doutoramento em Estudos Clássicos, constituiu um momento privilegiado para a compreensão de características específicas na reescrita de mitos clássicos, ilustrativas da vitalidade dos textos da Antiguidade no universo coevo.

Hélia Correia, na senda de uma preferência particular por heroínas femininas do mundo antigo, consubstanciada na produção das obras *Perdição-exercício sobre Antígona* (1991), *Rancor-exercício sobre Helena* (2000), *Desmesura-exercício sobre Medeia* (2006), centrou-se sobretudo na explicação do processo de (re)criação das personagens Antígona e Medeia: “a minha Antígona não tem nada da imagem heróica - revela puro tédio; não conseguiu adaptar-se à vida feminina. Para compensar o tédio, precisava de um acto de grande amplitude, que acabou por a levar à

morte...”. Em relação à princesa da Cólquida, “em Epidauro, a assistir a ensaios de peças, vi a minha Medeia, selvagem, fora de regra, estrangeira, fisicamente diferente dos Gregos”.

No testemunho da autora, a percepção da busca de uma relação mais íntima com as personagens que reconfigura, para lá da predilecção pelo mundo feminino, são opções remissivas para uma leitura moderna e sociológica do mito.

Jaime Rocha, por seu turno, fixou-se igualmente em duas das três peças que escreveu, desta feita sobre heróis da Grécia antiga: *Agamémnon* e *Filoctetes*¹. Na sua intervenção, sublinhou a necessidade de visitar os lugares que servem de cenário às peças em que se inspira para as reescritas, bem como de preservar o cerne do mito, actualizando apenas a situação dramática, de resto, na linha preconizada pela *Poética* aristotélica².

SUSANA HORA MARQUES

Teatro de Marionetas do Porto: *Make Love, not War*

A 28 de Maio de 2011, nos eventos de “Serralves em Festa” que decorrem anualmente na cidade invicta, o Teatro de Marionetas do Porto levou de novo à cena uma produção inspirada na *Lisístrata* aristofânica: *Make Love, not War*. Apresentada pela primeira vez em Maio de 2010, no Festival Internacional de Teatro de Rua de Santa Maria da Feira, a última encenação dirigida por João Paulo Seara Cardoso constituiu à partida um desafio diferente para a Companhia, porquanto se tratou duma experiência de teatro de rua, levada a cabo num espaço público urbano, aberto às massas. A concepção do espectáculo para exibição num local de dimensões consideráveis³ como cenário natural de actuação constrangeu o encenador

¹ A completar esta trilogia de heróis surge *Aquiles*.

² Cf. Aristóteles, *Poética* 53b.

³ Como bem observa Correia, A. B. Correia, A. B. (2003), *Teatro de rua radical: arte, política e espaço público urbano*. Coimbra. Oficina do CES 192. Disponível em http://webopac.sib.uc.pt/search~S74*por?/dteatro+de+rua/dteatro+de+rua/1,1,1,E/1856~b1523007&FF=dteatro+de+rua&1,1,1,0/startreferer//sea [consulta em 22.06.2011]: 7-8, ‘esta actividade teatral sem paredes não pode ser vista como a versão ao ar livre dos espectáculos que ocorrem nos equipamentos artísticos convencionais ou nos edifícios ou locais que designamos como teatros’.